

# PFL apóia demissões

BRASÍLIA - A decisão do presidente Fernando Henrique Cardoso de afastar os ministros da Previdência, Waldeck Ornelas, e de Minas e Energia, Rodolpho Tourinho, recebeu o apoio de integrantes do PFL, PMDB e PSDB, confirmando o isolamento do senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) na base aliada do governo. A avaliação de parlamentares é de que a reação do presidente é correta devido ao acirramento das críticas feitas pelo senador baiano.

O secretário-executivo do Ministério de Minas e Energia, Hélio Vitor Ramos Filho, foi nomeado ontem ministro interino da pasta, com a exoneração de Tourinho, ligado a Antônio Carlos. O ex-ministro, procurado pelo **JORNAL DO BRASIL** em sua casa de praia, em Arembépe, próximo a Salvador, na Bahia, não quis falar sobre seu afastamento. "Não tenho nada declarar", se limitou a dizer.

Já Ornelas deixou o cargo classificando de "estranha" sua exoneração pelo presidente, que o elogiou na nota oficial em que comunica a demissão. "Minha demissão é um ato político. É estranho que a nota afirme demitir dois ministros sérios e competentes", ironizou, partindo para o ataque ao PMDB. Ele, no entanto, não rompeu definitivamente com o governo.

"Não posso aceitar é a menção a acusações infundadas. Não havia qualquer acusação de corrupção na Previdência e nas Minas e Energia, do ministro Rodolpho Tourinho. As únicas acusações existentes são contra a banda podre do PMDB", disse Ornelas, atirando contra o ministro dos Transportes, Eliseu Padilha (RS). Padilha tem sido um dos alvos prediletos de Antonio Carlos em seus ataques ao governo.

O ex-ministro da Previdência estava na Bahia quando foi comunicado, por telefone, pelo ministro-chefe da Casa Civil, Pedro Parente, que o presidente o estava demitindo. Minutos depois, a decisão foi confirmada

em nota oficial do Palácio do Planalto. O secretário-executivo José Sechin responderá interinamente pela pasta.

O PFL considerou justa a decisão de Fernando Henrique. O partido admite que as exonerações eram inevitáveis diante das últimas críticas feitas por Antonio Carlos. A postura também é uma clara tentativa de diferenciar as críticas feitas pelo senador da posição oficial do PFL. "O presidente não tinha outra alternativa senão demitir", avaliou o vice-líder na Câmara, Pauderney Avelino (AM).

Apesar da crise, os pefehistas vão trabalhar para manter afinidade com o governo e evitar que o partido saia prejudicado com a reforma ministerial. O PFL deseja continuar com o direito de apontar nomes para as duas vagas e, por isso, reafirma sua fielidade ao Planalto. Mas o episódio provocou, inevitavelmente, fraturas internas. Alguns pefehistas já trabalham com a hipótese da existência de uma facção oposicionista dentro do partido capitaneada por Antonio Carlos.

O PMDB comemorou sutilmente as dificuldades enfrentadas pelo PFL. Para o líder do partido na Câmara, Geddel Vieira Lima (BA), adversário do senador Antonio Carlos na Bahia, foi tardia a demissão dos ministros. "O presidente conviveu demais com a chantagem", criticou Geddel.

Outro adversário do senador na política baiana, o líder do PSDB na Câmara, Jutahy Júnior (BA), divulgou nota repudiando o que ele considerou "atitudes tresloucadas" do senador. "A opinião pública não compactua com esse tipo de ação, adubada pelo ódio e pela mesquinharia política", argumentou.

Até a oposição, num momento de afinidade com as decisões governistas, apoiou a decisão de Fernando Henrique. "O presidente, em vez da postura de ser calado por convicção, passou a agir com convicção", disse o líder do PT na Câmara, Walter Pinheiro (BA).